

ABOIO

ALALÁZÔ



Pedro Torreão

Os livros digitais da Aboio são feitos para circular

Acreditamos que todos os leitores e apoiadores devem ter acesso ao conteúdo que publicamos. É assim há anos no nosso **portal aboio.com.br** e não poderia ser diferente na editora.

Nossa missão é fortalecer o prazer da leitura em língua portuguesa e reunir pessoas que tenham o mesmo ideal que a gente. Por isso, fique à vontade para compartilhar o arquivo digital desse livro com outras pessoas que possam apreciá-lo¹!

Em troca, pedimos apenas que você mencione a **Aboio** a quem receber uma cópia do arquivo digital e, quando possível, adquira um exemplar físico do livro – seja no nosso site ou em livrarias parceiras e outras lojas virtuais. **É que nem streaming: você pode ouvir quando quiser, mas o que paga a conta é o show (no caso, o livro físico). Isso vale tanto para a editora quanto para o autor, que recebe direitos autorais por cada exemplar vendido.**

No final desse arquivo você encontra o nome de todo mundo que apoiou o nascimento do projeto. Se quiser ver teu nome no próximo, acompanha o nosso portal e segue a gente nas redes sociais!

Boa leitura e nunca esqueça: **o canto é conjunto.**



1. A autorização concedida é válida exclusivamente para o compartilhamento privado sem fins lucrativos entre pessoas físicas. Todo e qualquer outro uso depende da autorização do respectivo titular de direitos autorais.

ABOIO

ALALÁZÔ
ἀλαλάζω

Pedro Torreão

ALALÁZÔ

Pedro Torreão

ABOIO

EDIÇÃO

Leopoldo Cavalcante

ASSISTENTE EDITORIAL

Luísa Maria Machado Porto

PREPARAÇÃO

Arthur Lungov

CAPA

Marcvs

*Àquelas que gritam comigo:
Luiza e Duda.*

ALALÁZÔ	09
ORTODONTIA TARDIA	17
Cornucópia	18
Garganta/Muco	20
Colgate sensitive	22
Todo arsenal	24
Corredor	26
Regalo	28
Caseos	30
Papilas	32
Saliva	34
Meias-luas	36
Mop:Bop	38
Refeição	40
Som leporino	42
Antifonário	44
Métis	46
'lectric eye	48
Catarata	50
Lácio	52
Repique	54

Cetosséia	56
Fellini	58
Açoite	60
Mordedura	62
Latitude	64
Grito gastro	66
Maré	68
Medo	70
Santa clara	72
Barítono dramático	74
Ídiche	76
Adeus	78
Lamento luso	80
Plano-sequência	82
Bonecos	84
Revolução industrial	86
Nódoa	88
Insisto	90
Devoção	92
Sutura	94
[É verdade o que estamos falando]	96

ALALÁZÔ

*
**

άλαλάζω
a.la'lá.zo/
α·λα·λά·ζω

verbo

- 1. gritar, berrar
(especialmente com alegria)*
- 2. ulular*

Trompete ruidoso enquanto penso
muralhas, talvez, cindem
- como anterior antídoto -
que dissolve a milímetro
construções pela boca de quem
sopra e de quem expande em
metal acústica reinante
no bronze do corpo de quem passa
em frangalhos sob meus olhos.

Distancia lembrança de coro
infantil, presumo pelo gango gasguita
que desmembra verso em flashes
da audiência.

Enfim infância, diriam, enquanto engasgo
a vida em pequenos passos e seguro o corpo
no palato e vibro o vinho na úvula que
desce transmutando corpo em vida
degluto deus em minúscula esfera
som de ginásio ecoa e apavoro coreografia.

E enquanto vibro, penso no *marshmellow* sob as frutas
e sobre o *marshmellow* uvas
verdes.

Em casa ungido a ver uísques que passam
de boca em boca tal qual os dedos
ao aproximarem-se de meus dentes ainda disformes
e, ao fim, os ranjo pela noite em bruxismo
e ronco à jericó de todos os dias.

○

Evocam da cozinha o
paladar de antes que remonta
aqueço o corpo na madrugada, assim
inaugura minha fome.

Grito e cuspe saem da mesma boca
mesmo que digam guspe, em são paulo,
mas se o amor
em paulo se diz sem ruído, se diz silêncio
o grito é por dentro como engulo
guspe cuspe baba saliva catarro
sem som, só o que ouvimos dentro da
caveira, só eco sozinho dentro de mim
som de engolir, enfim, escuto e transbordo em
ondas no esôfago que sinto como repuxe de
onda e espuma, mas é ácido.

Grito volta em madrugada e baleia que engulo
jonas, seus armários e toalhas me sinto
templo sagrado em baleia e humano e terra seca
dentro de mim tudo volta em espuma e carrêgo e
encargo, missão e peso.

Enfim, espirro.

Dentro, pra fora
humano, profeta e maldição

exegese pelo êxodo.

○

Paulo fala do amor sempre como condição
sem o qual não.

○

Como saulo fui criança e
agi como criança sonhei como criança bebi como criança
mas adulto, desvejo em paulo os atos de criança
pseudográficos e canônicos como em
damasco
e enxergo pela miopia a vida de
criança entrôpa e busco, caído,
energia que me eleve do chão batido, da estrada em pau
[e pó

Relincho e o cavalo fala pela voz de quem o guia
como mesa branca como espírito que bate como
oniecosequus.
Sucumbo e levanto pureza.
Leveza e caravaggio.
Carrego o cavalo e ele me carrega na queda.

○

Afio língua e lambo a caneca como pedro retira a espada e bebo
como pedro desloca orelha e fumo como quem nega 3 vezes
[o vício presente.
O grito por dentro é o que nega em vergonha é o que esconde em frestas é o que se
crucifica em *upsidedown*,
pai, por que me abandonaste com a cabeça ao chão?
masoquismo e martírio da pedra que edifica e o

cimento moral calcifica.
Carrego pedras
atiro.

○

Com os pés rotos
espalho hóstias no asfalto
esburacado
e preencho bocas
de lobo com gigantes moedas
da companhia elétrica.

○

As abóboras que secam em cima do suicida
anunciam tendas que escalam fora da cidade.
deus engole, cospe e seca uma vez em terra:
- melhor mar e entranhas
[diria o profeta sem profecia.

jonas caminha para o fim
[ao ver a salvação e
morre sem ver a morte que lhe sai pela boca
engolido em água, gomorra de entranhas
sodoma pessoal, cetáceo e casa.

○

Venerar o grito o urro e abrandar
cegueira e voz como morcegos
:
radar
receber.

Suba aos montes, ovelhas
ovelhas aos montes e pastoreio
berro e solavancos.
Tecer a lã, ovelhas.
Pajeú de outro deserto
abraão, olha por tua família
ela grita, abraão.
O sino da garganta de isaque tine
metal.

ORTODONTIA TARDIA

*tua gengiva igual a tua bocetinha que parecia sorrir entre as folhas de
banana entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta como uma boca
do corpo (não como a tua boca de palavras) como uma entrada para
eu não sabia tu
não sabias
fazer girar a vida
com seu montão de estrelas e oceano
entrando-nos em ti*

Poema sujo, Ferreira Gullar

Cornucópia

Grito na gruta
eco o

e volta:

em pedra
musgo
estalactites de verbo.

O que pende
do teto
penetra moleira

cornos no telhado.

Expande voz
repete vocábulo
sílabas em si

b

alado
susteniza
solta
volta.

som

pensamento

tom

Sombra na gruta
não tem som.

Pela abertura
sol em pantomima:
formas com as

mãos -
fantoques de fora
refração

:

as ondas gritam no mar
na galiléia
saint-tropez
ipojuca
não na luz.

A onda muda de comprimento
na luz ainda

muda.

Garganta/Muco

Úvula velha iridesce
e enrijece os sons
dos sisos perdidos
dos dentes de leite
 que mordiscam tetas.

Chupo peitos adolescentes
grito glândulas negadas
atiço as que vieram de fábrica:
tireoide e testículos.

Percebo *érres* na minha boca
saídos
cada vez mais
do palato:
entre úvula e dentes
pressionado pela língua.

Vergalhão e varjota. Torta, vértice e cartela.

Assim giro lombar alheia
olhando vértebras e bacia
 do cérvix seguro a cervical com mão
horizonte e pilastra
dos vocábulos que toco nos dedos.

Colgate sensitive

Me fale das cerdas na boca que sangra
da gengiva quente que sai e sangra (também)
do rio que dói ao toque
da culpa

da ortodontia tardia
da minha mãe
do meu pai
ocidente e medicina
dos dentes nunca escovados no sono
atenção à cárie ou
aos dentes molares incisivos caninos
osso que rói osso
dente, aparente osso
que rói

me fale do sino (na boca)
dos dentes de leite que permanecem
dente morto amarelo-cinza.

colgate vermelho vivo sangue gengiva
viva, sensitive menarca
fio dental sabor menta-verde
fio dental sabor tutti-frutti
queixada
grosso canal e amígdalas
boquinha genital onde boto cepacol parodontax pasta em pó de cravo
tua canela na minha língua
a boca chora a baba escorre puxo
vitamina-c efervescente estridente fosforesce

escova de carvão ativado - invenção do hábito
marlboro é amarelo dourado, diziam
leve *light* tostado.

mas me fale
com teus dentes brancos e mordida felina
: caninos pra quem?

molares duros incisivos fracos
dividem
como arcadas de um peixe abissal que ficam pra fora
pasta de dente canina, na esquina vende -
e o que não?

teus dentes mansos
a mandíbula aberta
escorre sal, meu bem
seca a boca a terra amém.

Todo arsenal

Um arsenal de pernas
tesas como ponte que mergulham equilíbrio
abrem bocas fecham lábios destroçam
envenenam baço
no passo das pernas ocas zambetas
cangaias convexas

positivo o pé que arqueia passo
negativo o chão que aguenta o traço
que risca a língua pra fora
espaço da tesoura

a boca anseia a tua, teu confete
serpentina voa
tua saia colorida teu nanquim nos olhos
a boca marrom, claro
escuro embaraço o álcool sai
no bafo

e sinto língua e visco cisco
que cai no olho arranhando o contato
que faço
entre meus olhos e teus dentes
bonitos, por acaso.

Corredor

para criseida

A onça ronrona
enquanto a gata
 aqui em casa
grita.

Em sua busca
cruza quartos
prazer ofuscado
derruba caixas
e sublima
o cheiro de salmão.

Grita
enquanto gata
e se arrasta
 em silêncio
por baixo do sofá.

Rasteja e rebaixa
em busca de algo
 por dentro
mas se refaz por fora
 do sofá
como se nada.

Mas grita
enquanto passo
 sempre por fora
e fiscaliza passos
no corredor.

Regalo

Sons do passado:
regalo.

Cacarejo rancor
como milhos.

Caseos

As amígdalas sussurram e caem em si
parem nós das cordas vocais
nós sofremos, nós sofrem - diriam elas
enquanto vertem suspiros que pingam
enquanto urro e aproximo os dedos na garganta
são cavernas na boca
 grutas palatáveis
 tocas que travam
enfim, pelos poros, povoo uma boca fenda fiorde sentença
água passa e vem
são canos que jorram
canais que transportam
foz que transborda voz enquanto tusso
barulho e mergulho no cóis
do teu esôfago.

Papilas

Ressoo sonar
que apaixonou como
morcego guia voo.

Guio pelo grito
que engulo
viro
enquanto
corro.

Fecho janelas
nada escuto
sons de dentro
orelha fora.

Língua apêndice papilas
choram saliva
pingam por mim.

Saliva

Maré
engole
sopro:
cospe
em ré.
 degluto
 tempo

Mar rodo
raspa pedra
vira pó.

Meias-luas

Cabelo cobre a orelha
incomoda os ouvidos tampados
coçam enquanto tiro com dedos -
paisagem e som que entrariam.

Frestas de cera emboloam
[ainda nos dedos
enquanto arranco cabelos
que surgem entreunhas
e faz lembrar e cortar
arestas.

Ou meias-luas
em psoríase -
secas, tangentes
que arranco
em pedaços
aos caninos.

E mouco
o jorro desanda
das minhas mãos
[e novamente os dedos
pontas e meios
colando na língua
o gosto de cabelo preso.

Mop:Bop

Grito pelas narinas
assombro felinas
sujo o taco
com as duas plantas
enquanto danço.

Refeição

Cortar unhas no terraço
não espalha meus pedaços pela casa.

Carrego o urro, ruo e roo
pedaço a pedaço
na sala de estar.

Som leporino

Sopa ri
pelas narinas
sai macarrão
feijão colorau
fanha
arranha palato
aberto:
sabor e cheiro
em cheio na mesa
na cozinha: cadeira
que senta.

Colher encaixa
no céu fundo
ri respira
entredentes mastiga
molar que nasce.

Por pouco lábio
perde-se a língua
lambe-se adenoides
esponjas septo
que em mim entalam
e se mantém.

Antifonário

Grito um piano
inteiro enquanto

olho-a tocar
e me tocam
pra fora.

Meu órgão pelas
paredes -
cantoção
enquanto sibilo
saída.

Métis

Meus braços
te tocam em fuga
desvio e viro vaso
encaixo ventosas
em outro cabedal
circunferente o acaso:

no berro, um lastro
de tinta engulo.

'lectric eye

- amigo

bowie disse da boca quando falava de crocodilos

falou do ângulo obtuso da mandíbula aberta

dos sons em eco, dos pássaros vivos

dentro dessa boca

pássaros que comem peixes

imagine

pedaços de peixe

corrijo

boca falada, comida nos dentes

me cansa as calças esse debate

os entes queridos o jardim dos pássaros a boca adestrada dentes afiados

e pássaros

que voam ao fechado da boca aberta

uma boca aberta nunca deixa de ser

lugar fechado

uma perigosa deixa

um feixe que fecha

basta de tanto tanto

o crocodilo anda pelas beiras

mergulha e nada com patas

jugular dura escama antiga.

Catarata

Bebo lágrimas alheias
salgada língua sinto.

Quando escorro e babo:
um guardanapo andaluz.

Lácio

A mordedura fala
por cada dente
amolece língua
bochecha e céu
da boca tocam
um arco teso:
coliseu que ecoa
rugidos cruéis.

Repique

Breque de língua
pele e carne
encompridada
dá tom ao músculo vênio
vem e desliza
pele e carne de outras
partes
vem e desliza
vernáculo pureza
dia a dia da boca
ao megafone.

Cetosséia

A cera pras sereias
uso na boca
tampo o canto
e o meio, prendo
a voz articulada
grunho o canto

apenas das baleias.

Fellini

Morda meu bigode
com seus caninos
enquanto beijo
sussurro
a felina preguiça

Claquete e claquete
que se foda a foto
[grafia
preto e branco
assepsia em fúcsia
te grito nua e cor
sabor na teimosia.

Ilhargas que remo
botão aberto
fêcho eclair.

Açoite

Bafo de boca
atinge versículo
a língua estendida
clamando açoites
e pra língua soam
beijos de guaiamum quente
beijos chupam patola
leite de coco na boca
pêlos:dentes que sugam
vácuo cadeira de plástico martelo
tábua: desejo e desmonte
no bigode que cheira mangue
lama corrente nas veias
cabeça aberta/farinha
colher que mistura e dissolve
língua que fora quente.

Mordedura

Escuro da boca
incenso e mandíbula
incisivo proeminente
morde boca e lábios.

Latitude

Grito bate
no céu da boca
manejo os dentes:
recente astrolábio.

Grito gastro

Enquanto desviro as tripas
meus tecidos moles meus condutos orgânicos minhas passagens movediças
tudo que arde tudo que deixo arder tubo que reviro
grito o grito que não se remedia
como a maioria dos gritos

mas trato a passagem o começo e o fim
tiro da memória as castanhas como
se tira do caju as próprias
[castanhas
[e do pé o caju

ao puxe da mão torção na carne
bebo o sumo que cai nas mãos e queima o tecido
[das calças que recebem o jorro
e desfazo o acre o salobro suco da mucosa escondida
torço como quem torce roupas e bate na pedra a lavagem
pedra pomes poro da pele

raspo os pés com o ácido da boca
meus contornos vinagrosos desmancham pele
adstringente a boca
o caju
a castanha
a folha dentro do vidro da garrafa de cachaça junto com o talo e o sumo
que cai no copo anatômico de minhas bochechas céu da boca língua dentes
[e só.

Maré

Escrevo bêbado
sinto
o canal/agamenon na
boca ratos e baratas
teu corpo longe
/intacta cheia.

Medo

Libido na boca
orca morta nos
bancos d'areia
espumas de
listerine.

Santa clara

Grito:ondas
sim
do mar
da tevê
um vai
-e
-vem o
outro só vem
mas,
assim
espumam:
raiva
torpor
água.

Barítono dramático

até o
jorro, barítono,
me bata as costas.

Índice

Não saber gritar e sofrer
uma uzi inteira descarregar
um urro trôpego como
meus pés pelo meio-fio.

Cambalacho e descanso pelo verbo
que fita as linhas amarelas ou
brancas indicando parar ou andar
no paralelismo da cidade.

A turba grita por dentro
e aceno um dois três passos:
um pente cai em paralaxe.

Adeus

Sacrifico a língua
 mantenho a linguagem
da pele que fere e
 destoa o toque:
a agressão que verve:
 cotidiano.

Lamento luso

Beire as esquinas em curva
os ângulos em 90° no qual reside
uma árvore, uma fração de
alqueire, a loja de cereais
d'um esquilo impaciente.

Enquanto pises, cheire
a esquina e sua fauna
casas em flora da infância
inteire a memória que traduz
o canto em cerebelo: equilíbrio.

Eire se encontra longe
Beckett nos afunda
com guarda-chuva por onde
caem nozes de um roedor
que come e arrulha
um *laissez faire*.

Plano-sequência

Boca e blefe sai
do meio das pernas,
eu grito logo atrás:
albatroz de asas curtas
voo derradeiro e silêncio
compenetrado, jaz.

Me sinto na lata de sardinha animada
dentro do desenho, me vejo
chorando com os ratos
pelo medo de voar e
assim plano-
 sequência é só engano,
mas te pego nos flancos
do metrô de Caetano
lhanas memórias da
porta que abre da
porta que fecha da
linha vermelha.

A exata cor da tua deixa
alheia que me chama
quando abre e fecha
e vejo panturrilhas
de quem escala muros
pintados em anilina.

Bonecos

o beco em urros
são os bonecos de Paula Rego
que descansam gritando
e choram partindo os
beijos e criando ecos
com os dedos
no atelier.

Revolução industrial

Povoar uma montanha nas bochechas

[por dentro

arar a língua em três linhas

semear dentes quebrados

irrigar com saliva quente

solução e tempestade

destroçar

o vale os gânglios os canais e raízes

cuspidando cimento e parafusos

rosqueio *aesthetics* e vejo.

Nódoa

Na sala

raspo a barba
com as unhas
aproximo

dedo da boca

sangro lábio,
coço beijo,
rasgo

a manga

da camisa,
da fruteira
chupo

com beijos
abertos
fiapos&dentes

vácuo na boca

puxo
engulo sumo
de mim
momento
instante
e desce

na unha

na barba

nos dedos

nos dentes

como na árvore.

Insisto

E na boca o cômodo
da língua
vinga
linguagem e
açude sangra
todas vontades
gingiva mel de açores
açoites de manga caindo
cipó felino
que bate
no taco
ainda maciço
mas solto
mar avança
irrevolto como trança
bem trançada no couro
da cabeçailhada
topografia e dorso
torcida aplauso
coito.

Devoção

A louça dos teus dentes cai sobre o prato
o garfo te atinge a língua

a tua língua estrábica
lambe tanto quanto olha
lambe

facas de serra de pão de peixe

pequenas manteigueiras feito cinzeiros pra um
preenchidas por leite batido e cremoso que lambes ao fim
nem toda hora é hora do desperdício

desafias Bataille olhando o sofá vazio

provocando a mim que desperdiço e não lambo
mas trinco os dentes

[toda noite ao teu lado

a ponte d'um rio sob a cama
ligando o mesmo bioma plantas animais
como as correntes de um escapulário ligando costas e peito que nunca se

[encontrarão

meu peito conhece tuas pás e não as minhas
sempre no inesperado abraço que foge ao olho.

Sutura

Borda com agulha na borda da boca
no canto que mergulha saliva quente
passa no meio do linho a linha azul

te furo a língua, meu bem.

É verdade o que estamos falando
da pipa de papel que apavora na língua
que voa na saliva
e nos arranca os dentes

ainda mais do que mantém
os dentes,
na gengiva, vorazes
e prontos

do mel que escorre
ao bulbo e grita dor
constante frio

É verdade

o sino da garganta
que incha
balão vapor contrário
caindo em gota

Verdade

ainda mais o choro
espuma na laringe
enquanto pranto
verdade

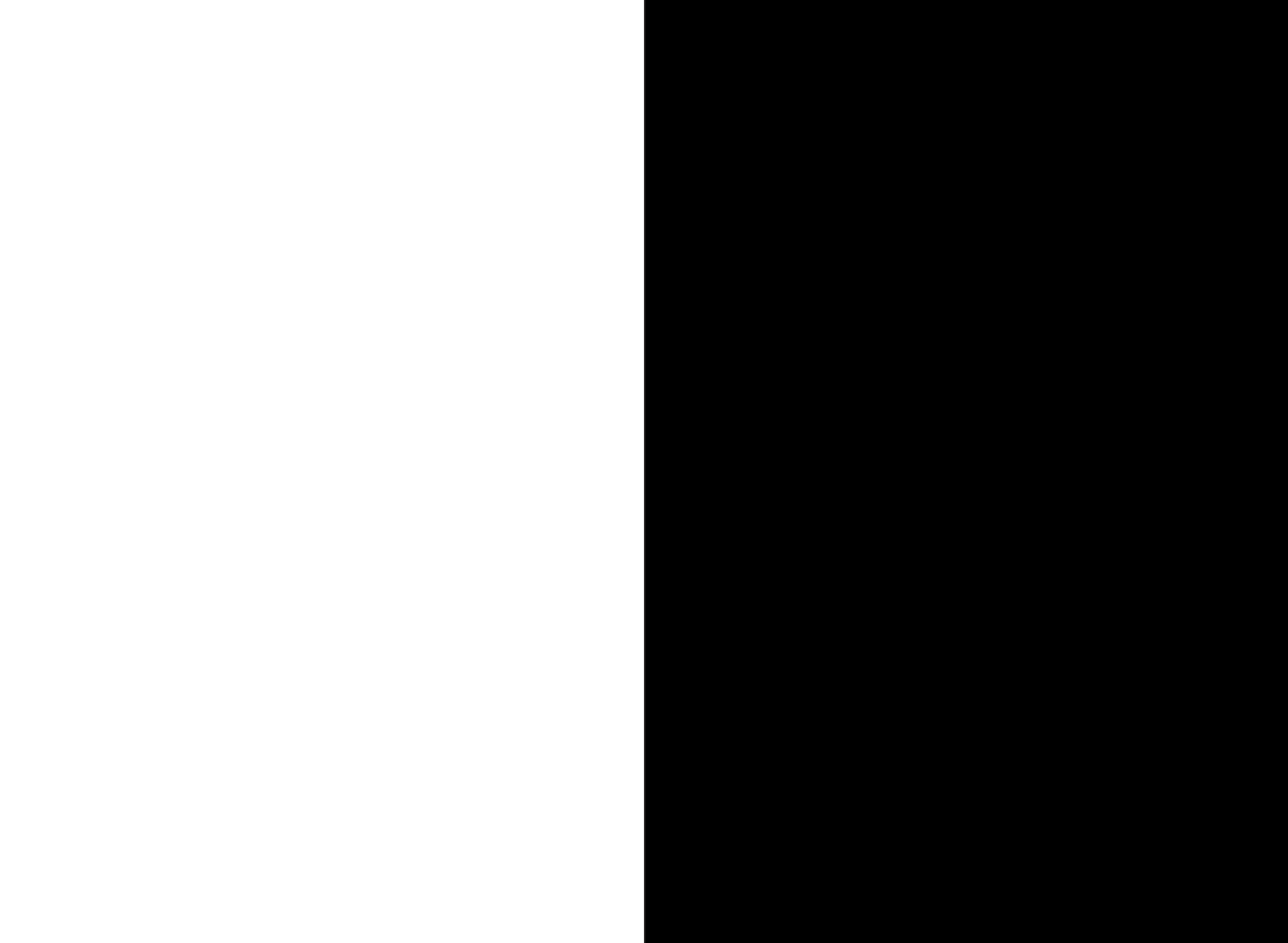
Estamos falando
veja

pranto e choro não
são
o mesmo,
mesmo

E choro
pantim e engano:
olhe, é verdade o que estamos falando.



A imagem da capa e da contracapa são detalhes da obra *ALALAZO*, do artista plástico Marcvs. *ALALAZO* foi composta em acrílico e bastão óleo sobre tela no mês de outubro do ano de 2022 por encomenda do autor deste livro. O tamanho da obra é de 100cm x 100cm.



Cara leitora, caro leitor

A **ABOIO** é um grupo editorial colaborativo.

Começamos em 2020 publicando literatura de forma digital, gratuita e acessível.

Até o momento, já passaram pelo nossos pastos mais de 300 autoras e autores, dos mais variados estilos e nacionalidades.

Para a gente, o canto é conjunto. É o aboiar que nos une e que serve de urdidura para todo nosso projeto editorial.

Valorizamos cada doação e cada apoio.

São as leitoras e os leitores engajados em ler narrativas ousadas que nos mantêm em atividade.

Nossa comunidade não só faz surgir livros como o que você acabou de ler, como também possibilita nos empenharmos em divulgar histórias únicas.

Portanto, te convidamos a fazer parte desse balaio!

Todas apoiadoras e apoiadores das pré-vendas da **ABOIO**:

— Recebem uma primeira edição especial e limitada do livro;

— Têm o nome impresso nos agradecimentos de todas as cópias do livro;

— São convidadas a participarem do planejamento e da escolha das próximas publicações.

Entre em contato com a gente pelo nosso site www.aboio.com.br ou pelas redes sociais para ser um membro ativo da comunidade **ABOIO** ou apenas para acompanhar nosso trabalho de perto!

E nunca esqueça: **o canto é conjunto.**

Apoiadoras/es

Pedro Torreão gostaria de agradecer a Marcus, Leopoldo, Arthur Lungov, Guilherme Gontijo Flores, Luiza Assis, Natalia Nunes, Maria Eduarda Lima Ferraz, Eduardo Nasi, Jhonny Torres, Isa Ferreira, Natália Zuccala e Criseida por acompanharem a jornada de **Alalázô**.

Na **Aboio**, acreditamos que o canto é conjunto. Por isso, não fossem as 102 pessoas que apoiaram nos apoiaram pela plataforma Catarse, seja comprando **Alalázô** na pré-venda, seja assinando o nosso **Clube Aboio**, entre os meses de dezembro de 2022 e janeiro de 2023 esse livro não teria sido o mesmo. A elas, estendemos os nossos agradecimentos:

Adriane Figueira
Afonso Medeiros Neto
Alexandre Gil França
Aline Rocha
Ana Lúcia Falcão
Anna Carolina Rizzon
Arthur Lungov Bugelli
Beatriz Fonseca Cruz
Caco Ishak
Caio Narezzi
Calebe Guerra
Camilo Gomide
Carolina Nogueira
Cecília Garcia
Cleber Luz
Cristina Machado
Daniel Leite

Daniel Torres Guinezi
Danilo Brandao
Denise Lucena Cavalcante
Desire Araujo
Diogo Gonçalves Veras de Moraes
Eduardo Selbach Nasi
Elisa Medeiros Danielli
Etevaldo Neto
Febraro de Oliveira
Fernando Estelita
Flávia Gonzalez de Souza Braz
Flora Miguel
Frederico Vieira
Gabriel Cruz Lima
Gabriela Machado Scafuri
Gael Rodrigues
Giovanna Reis

Giulia Morais de Oliveira
Goreti Couto Brasil
Guilherme Dearo
Guilherme Gontijo Flores
Heitor Ferraz Mello
Henrique Emanuel de Oliveira
Inaê Rosas
Isabela Ferreira
Isabela Moreira
Jhonny Torres
João Luis Nogueira Matias Filho
Juliane Carolina Livramento
Júlia Rocha da Cunha
Julia Tozi
Juliana Giannini
Juliana Viegas
Jung Lee
Laura Redfern Navarro

Leonardo Nóbrega
Lígia Viana de Arruda
Lorenzo Cavalcante
Lucas Ammar
Lucas Meirelles Rangel Rodrigues
Lucas Sposito Gini
Lucas Verzola
Luciana Torreão De Sá
Luciano Cavalcante Filho
Luísa Maria Machado Porto
Luiza Assis
Maicco Ferreira
Manoela Machado Scafuri
Marcela Gomes de Mélo Lima Reis
Marcela Monteiro
Marcela Roldão
Marcelo Ariel
Marco Bardelli

Marco Rapeli
Marcos Vinícius Almeida
Marcvs
Maria Eduarda Ferraz
Mariana Lage de Oliveira Andrade
Mariana Lucchesi Carneiro
Leão Silva
Marina Lourenço
Maurício Bulcão Fernandes Filho
Mauro Paz
Natalia Joelsas Timerman
Natalia Nunes
Natália Zuccala
Nay Oliveira
Ornella S. Zuccala
Otavio Juliano Dantas
Germano Gomes
Paulo Scott

Pedro Henrique Ferreira Kastelic
Pedro Jansen
Pedro Wichtendal Villar
Rafaela Pimenta
Rhauan Monteiro
Saulo Jacobovitz
Seisa Santana Zuccala
Sophie Munck
Tainá Pinto
Tatiana Oliveira de Burgos
Thássio Gonçalves Ferreira
Victor Prado
Vinícius Oliveira Catão
Wesley Silva Ferreira
Yuri Bruscky
Yvonne Miller

Copyright © Aboio Editora, 2022
Alalázô © Pedro Torreão, 2022

Todos os direitos desta edição reservados à Aboio.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Torreão, Pedro
Alalázô / Pedro Torreão. -- 1. ed. -- São Paulo :
Aboio, 2022.

ISBN 978-65-998350-3-2

1. Poesia brasileira I. Título.

22-135431 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

[2022]

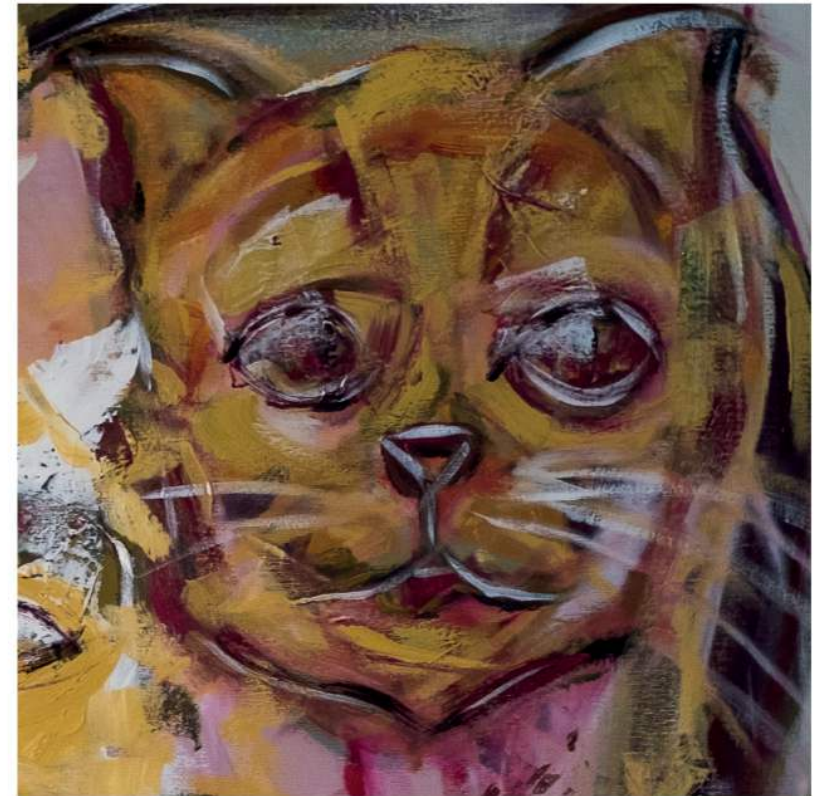
Todos os direitos desta edição reservados à:

ABOIO

São Paulo — SP
(11) 91580-3133
www.aboio.com.br
[instagram.com/aboioeditora/](https://www.instagram.com/aboioeditora/)
[facebook.com/aboioeditora/](https://www.facebook.com/aboioeditora/)

ΑΒΟΙΟ

ἀλαλάζω



Esta obra foi composta em Adobe Text Pro.
O miolo está no papel Polén Natural 80g/m².
A tiragem desta edição foi de 200 exemplares impressos pela Edições Loyola.

[Primeira edição, dezembro de 2022]

ΠΕΤΡΟΣ ΤΟΡΕΑΟ

